



QUARTA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 206

## A reacção conservadora pretende vibrar um golpe militar. O povo trabalhador deve responder-lhe com energia e altivez!

Só os ingénios poderão duvidar de que os reaccionários se preparam para impôr ao país uma ditadura militar. Desde a intenção do 18 de Abril que se está deitando lenha na fogueira conservadora onde se projecta queimar, num famoso auto de fé, todos os que em Portugal desejam viver em Liberdade.

A intriga que se teceu em torno da chamada «Lei Vermelha», a especulação que se fez com uma frase infotiva dum ministro esquerdisto; os canticos que se ergueram aos homens que chefiam o movimento «abrilista» e, finalmente, o comício que se realizou durante dias seguidos nas barbas da democracia, não visavam outra causa que não fosse o ambiente favorável ao estrangulamento das poucas, das escassas liberdades que restam ao povo português.

Tais especulações não seriam possíveis nem encontrariam eco nas almas simplistas se os republicanos de barriga que nos têm governado não lhes preparam terreno com o «ruído da mastigação», com os escândalos, incompetências e desleixos da sua administração. Mas ésses escândalos, essas incompetências, esses desmandos não justificam o advento duma ditadura reaccionária que, afirmado desejar pôr côbro a tais imoralidades pretende apenas estrangular o povo, entregá-lo inerte aos inimigos de sempre, às forças vivas, à reacção religiosa, à brutalidade monárquica.

As palavras de rancor dos aspirantes a ditadores, os incitamentos ao massacre, os insultos, a pretexto de que o parlamento é estéril e os governos são inoperantes, visam apenas o proletariado, o povo ludibriado,

que nos momentos de angústia se revolta, sem ter a orientação necessária para manter os direitos conquistados. É contra a república que se prepara, neste momento, após o triunfo da Sala do Risco, o golpe de morte—mas esse golpe de morte na democracia traz a intenção odiosa de ferir o povo trabalhador em pleno peito. Os ditadores pretendem passar sobre o cadáver da república para se lançar sobre o povo leal e desarmado.

Não se acusam os republicanos dos erros de administração que cometem e que tantos sofrimentos causam ao país—acusam-se de transigência perante as poucas conquistas morais e materiais alcançadas pela classe operária. Esses embriões de ditadores não odeiam a república (a-pesar-de tudo tão ingrata para o povo trabalhador que por ela tem dado desinteresse—saudade o seu sangue) pelos defeitos que lhe são inerentes como regime capitalista—odeiam-na porque não reduziu ao silêncio a voz dos explorados que os incomoda; odeiam-na porque não algemou todas as consciências rectas; odeiam-na porque ela permite ainda, embora de má vontade, que o proletariado afirme as suas aspirações nobres; odeiam-na porque a polícia ainda não matou, sob o pretexto de hipotéticas fugas, todos os militantes operários; odeiam-na porque ainda não encerrou as portas da Confederação. Odeiam-na porque não reduziu o trabalhador à condição de escravo, sem direitos, produzindo para as três castas parasitárias: os militares, «as forças vivas» e a Igreja!

E' um regime constituído pelos generais enfatizados, pelos comerciantes ladrões e pelo clero hipócrita, traidor ao alto pensamento cristão, que se pretende estabelecer em Portugal. E' a força bruta para dominar, a religião para embrutecer e o capitalismo para roubar! E' o espírito militar, o espírito religioso e o espírito de rapina! A trindade sinistra!

E' esta trindade que se propõe—é ironia!—pôr em ordem as finanças, levar a tranquilidade aos espíritos e resolver o problema económico.

A espada afiada e nua julga-se apta a regular os direitos do povo; a venenosa serpente de Roma a tranquilizar os espíritos do nosso século, que já não se satisfazem com a promessa longínqua da felicidade celeste; o balcão a administrar o complexo trabalho do povo laborioso!

E o povo? O povo não é ninguém. E' para os homens do 18 de Abril uma massa desrespeitável que se deve talhar ao molde dos seus caprichos, à ponta de espada e a tiro de canhão.

E o direito à Liberdade? E' uma cantiga liberal que éles reduzirão ao silêncio, por meio da força e da deportação.

E a liberdade de pensamento? Uma coisa desrespeitável que se eliminará amordaçando a imprensa que se atrever a proclamar a Verdade.

Há, porém, um adversário que os propostos ditadores não conseguiram atingir: a consciência do povo e a lei inalterável do progresso. E se a rebeldia rendentora não souber neste momento de indecisão ar-

rastar no seu entusiasmo as multidões generosas e os homens de ideais elevados—ai do povo, que duros momentos irá passar!

A ocasião não é para hesitações. O inimigo afia a espada. Em guarda! E' necessário aparar-lhe o golpe com mestria e responder-lhe com altivez!

## Então, onde estão as provas?

Pela terceira e última vez, convidamos o major sr. Joaquim Abranches a apresentar as provas claras e inofensivas das acusações que na Sala do Risco formulou contra A Batalha.

O sr. Abranches afirmou e os jornais reproduziram as suas palavras, sem que qualquer desmentido surgisse, que «A Batalha preparou a atmosfera e gratificou o atentado contra o sr. Raúl Esteves». Afirmou, tem que justificar a sua afirmação. De contrário, continuando a manifestar-se pelo silêncio comprometedor e impróprio duma criatura que preza o seu nome a sua dignidade, levar-nos-há a qualificar a sua conduta moral como entendemos.

Um homem que acusa e não prova, as suas acusações, é um caluniador—e um caluniador está sujeito a que o caluniado, num legítimo gesto de desfronto—o insulte.

Pela última vez, porque não podemos gastar o nosso tempo a fazer-lhe convites amáveis, convidamos o major sr. Joaquim Abranches a provar publicamente as suas acusações.

## O I Congresso Confederal—IV Nacional Operário—encerrou os seus trabalhos no meio do maior entusiasmo

### 7.ª SESSÃO

Foi aprovada a tese «Educação».

SANTARÉM, 27.—A 7.ª sessão abriu às 8,30 horas. Entre os assistentes encontraram-se grande número de elementos operários que vieram assistir aos últimos trabalhos do Congresso Confederal e que desde ontem à noite se encontram nesta cidade.

Presidente: Alves Pereira, S. Litógrafos do Porto; secretariando Vergílio Moura Santos, S. Compositores Tipográficos de Lisboa; Gabriel Moura Pires. Depois de lidas declarações de vários delegados que se retiraram, M. J. de Sousa procede à leitura da tese «Educação».

João Miranda apresenta a proposta seguindo que o congresso aprova:

«O Congresso decide que pelo menos nos maiores centros do país as Uniões e respectivos Sindicatos se esforçam pela criação imediata de aulas de Esperanto».

Santos Arranha propõe:

«O Congresso reconhece como conveniente e para ser adoptado pelas centrais a criação nos bairros de população fabril de instituições que permitam resguardar do ambiente deletério das ruas, ministrando educação sobre as bases preconizadas na tese «Educação».

António Tomás explica como é feita a emigração dos rurais, especialmente para Espanha. Depois foi aprovado o documento de Saul de Sousa e toda a tese.

8.ª SESSÃO

### As condições de trabalho nas colónias

A's 9,30 horas abriu a 8.ª sessão que foi presidida por Francisco Viana, S. U. Metalúrgico de Lisboa; secretariando Rozendo J. Viana, C. S. T. Lisboa; João Miranda, F. C. Civil.

Discute-se a tese: «Condições de trabalho nas colónias». Foram aprovadas sem discussão as conclusões I, II, III e IV. Sobre a V São de Sousa propõe:

«O Congresso delibera finalmente que a C. G. T. por intermédio dos organismos seus aderentes, leve à prática o «Dia do Escravo Negro», consagrando esse dia a uma manifestação nacional de protesto contra o opotismo que na África é exercido sobre os nossos irmãos de raça negra.

M. J. de Sousa diz que só aceita a proposta como complemento e nada mais.

Ferreira da Silva apresenta o seguinte aditamento:

«Que o Congresso Confederal indique a A. I. T. para que das centrais operárias aderentes, pertencentes aos países que sejam colonizadores ou protetorados da Comissão de estudo das possessões coloniais.

Admitida, João Timóteo diz que está de acordo com a tese e Silvino Noronha e António Braz produzem interessantes considerações sobre a situação dos negros em África.

M. J. de Sousa defende a tese e Manuel Fortunato require que seja posta à votação a proposta de Saul de Sousa com prejuízo dos oradores. Foi aprovado, ficando igualmente aprovada.

Discute-se o relatório da Comissão de Pareceres

Seguiu-se Joaquim do Carmo, relator da comissão de pareceres, que lê ao congresso o relatório.

Discussiram o parecer Emílio Santana, João Gomes, José da Costa e António Fernandes Junior que propõe o seguinte:

«I.—Que todos os serviços de cargas e descargas em cais e docas sejam executados por descarregadores de mar e terra devidamente organizados;

II.—Que todos os indivíduos que actualmente executam todas as cargas e descargas e que não estão sindicados nos sindicatos de D. M. T., que ingressem imediatamente nestes;

III.—Que os assentos de carregadores e corticeiros baixem à futura secção de federações para, juntamente com outros documentos sobre o assunto ter a devida solução. Foi aprovado.

Saul de Sousa apresenta a seguinte moção de ordem:

«Que a C. G. T. convide a A. I. T. a enviar aos organismos seus aderentes, estatísticas sobre o salário e demais condições de trabalho em cada país, para o que estes fornecerão aquela os informes necessários».

Admitida, Santos Arranha propõe:

«Que a C. G. T. para desenvolvimento da capacidade mental e intelectual dos prováveis emigrantes e como elemento de defesa para os mesmos, aceite a colaboração de todas as instituições de ensino caracterizadas liberal, tais como: Universidades Livres, Universidades Populares, etc., não desprezando também a colaboração individual de professores de ensino livre e de espírito afim».

Santos Arranha em questão previa, propõe:

«O Congresso Confederal resolve que todos os trabalhos extensos a publicar em A Batalha pelos organismos confederados e juvenis sejam gratuitos quando não impliquem a adopção de folha suplementar».

Os documentos de S. Campos, S. de Souza e Santos Arranha são aprovados juntamente com o relatório da comissão de pareceres.

Alves Pereira, da comissão de última redacção aos artigos V, VI, VII, lê ao congresso o resultado dos seus estudos, que é o seguinte teor:

### Capítulo V—Do Comité Confederal

Art. 16.º—O Comité Confederal é constituído por sete membros nomeados em Congresso. Desses sete membros, três constituirão o Secretariado, segundo a condição XII da carta orgânica (Organização Social Sindicalista), ficando os restantes membros constituintes a Comissão Administrativa.

§ 2.º—A escrita económica da Confederação deverá ser feita por pessoal técnico e habilidoso sob o «contrôle» do secretário-tesoureiro.

Artigo 19.º—Todos os serviços prestados por qualquer comissão ou delegação serão gratuitos, quando não tenham de perder trabalho; porém, os dias perdidos para esse fim serão pagos por igual salário ao que os comissionados auferem no exercício da sua profissão. Os transportes e hospedagem ser-lhesão igualmente pagos.

Artigo 20.º—O comité servirá de Congresso a Congresso; mas o Conselho Confederal tem prerrogativa para substituir qualquer dos seus membros ou a sua totalidade, quando as circunstâncias assim o exigirem.

O Congresso aprova que os artigos supram fiquem com a redacção proposta por esta comissão.

Passa-se depois à eleição do Comité Confederal.

Jerónimo de Sousa propõe que a eleição se faça por escrutínio secreto, o que é aprovado. Suspender-se em seguida a sessão às 11,25 horas, para os congressistas se encontrarem ligados como também pelos principípios preconizados para a mesma.

Só às 13,30 é que pode ser conhecido o resultado da votação, anunciado pelos escrutinadores Alves Pereira e António de Carvalho.

O apuramento deu o seguinte resultado: para o Secretariado: Silva Campos, secretário administrativo; Tavares Adão, secretário da Secção de Federações; José Martins Grilo, secretário da Secção de Uniões. Para a comissão administrativa: Carlos José de Sousa e Silvino Noronha, secretários adjuntos; Francisco Viana, secretário tesoureiro; Manuel Joaquim de Sousa, secretário arquivista.

O congressista mais votado na generalidade foi José Martins Grilo, da Federação Industrial.

Manuel Joaquim de Sousa declara que não aceita o cargo para que foi eleito.

Para que não possam surgir dúvida sobre a sua atitude explícita ao congresso que de há muito tinha tomado essa resolução.

Alguns congressistas pretendem que o candidato mais votado imediatamente da delegação do sindicato das Empregados no Comércio de Santarém, justificar a situação deste, venho declarar ao congresso o seguinte: O Sindicato contra cuja delegação a Junta Sul da Federação protestou, considera-se confederado e, quanto já não me seja dado apreciar a resolução do congresso, afirmo que o mesmo sindicato aderiu à C. G. T. há já anos, e consumiu seu confederal durante muito tempo não requisitando agora expediente, não por discordância com a diretriz da Central Operária, mas sim devido à deficiência da cota sindical, situação aliás justificada oficial e publicamente à C. G. T. Mais afirmo que este sindicato defendeu e respeitou sempre os princípios Sindicalistas Revolucionários. Ao terminar o congresso apresentámos as nossas saudações sindicais.—José Fragoso, delegado do Sindicato dos Empregados no Comércio, Santarém, 27-9-925.

Falou sobre este documento Jerónimo de Sousa que fez um largo elogio à dedicacão de José Fragoso pela realização do Congresso Confederal em Santarém. Depois mandou para a mesa a seguinte moção:

«O congresso, lamentando que a Associação dos Empregados do Comércio de Santarém não tivesse a sua situação regularizada na C. G. T. a fim de no seu seio ter assento resolvo manifestar ao camarada José Caetano Fragoso, o seu reconhecimento pelos esforços empregados para que esta magna assembleia se realizasse com facilidade nesta cidade, fazendo votos para que aquela Associação regularize a sua situação ao lado da população confederada.»

M. Nunes associa-se a este documento, em nome da comissão organizadora. Esta moção foi aprovada por aclamação com uma quente salva de palmas.

Chegaram à mesa mais as seguintes saudações: Carlos de Araújo, José Cebola e Justino Amendoim. Depois foi lido e aprovado o parecer da comissão revisora de contas da C. G. T.

O encerramento do Congresso foi entusiástico

é recebido aos vivas à organização operária.

O camarada Segundo Blanco fala em seguida, saudando o Congresso em nome da C. N. T. e congratulando-se com as suas resoluções, especialmente as referentes à Frente Unica.

A frente unica — afirma — está feita. Se os comunistas a desejam vão para dentro dos sindicatos e não venham cá para fora estabelecer a scisão. Procedendo assim não têm autoridade moral para defenderem a frente unica que só a eles aproveita.

A imprensa revolucionária é acusada de combater sistematicamente a revolução russa. Ela defende apenas os revolucionários sindicalistas e anarquistas dos ataques do governo bolchevista, e procura destruir o sistema de organização social adoptado na Rússia. O mesmo faz A Batalha, jornal combativo e bem orientado, e por isso é combatido pelos comunistas que desejam ascender a uma situação que lhes permite viver regaladamente.

Tem sido essa obra política a origem dessa luta, e na qual os sindicalistas afirmam uma independência superior e um espírito revolucionário mais de harmonia com as aspirações do povo trabalhador.

O Congresso sublinhou com uma salva de palmas o discurso de Segundo Blanco.

Armando Borges faz um discurso notável

A seguir Armando Borges, delegado da A. I. T. pronuncia o seguinte discurso:

Presados camaradas:—Antes de mais sinto-me obrigado a agradecer ao Congresso o acolhimento fraternal que do mesmo recebi e dos camaradas da

## Uma opinião clara ácera das deportações

O dr. Nobreza Quintal publicou no *Mundo* ácera das deportações um artigo dedicado ao dr. João Camões. Permitimo-nos, com a devida vénia, recortar algumas passagens para as quais chamamos a atenção dos nossos leitores:

Não tem defesa, na questão das deportações, o governo Vitorino Guinéas. Não tem defesa o governo Domingos Pereira, que as mantém com sorrisos e blandícias, pretendendo dar-lhe uma cõr legal.

Estava o governo, ao menos, autorizado por uma lei ou por qualquer decreto, publicado aberto de autorizações parlamentares, a ordenar as deportações?

Ainda que estivesse, um diploma desses seria absolutamente inconstitucional. Mas não estava. O decreto que se invoca, afiás inconstitucional, é o 10773, de 19 de Maio do corrente ano, publicado ao abrigo da autorização concedida ao governo pela lei n.º 1773, de 30 de Abril. Simplesmente esse decreto não autoriza, de maneira nenhuma, as deportações; regula a forma de julgamento de crimes praticados com o fim de produzirem o alarme social, determinando que sejam julgados em comarca diferente daquela em que foi praticado o crime os agentes de diversos crimes taxativamente numerados. Mas para isso há uma forma de processo estabelecida no decreto. E' inconstitucional, mas ao menos sabe-se em que lei se vive. «Transitado em julgado o despacho de pronúncia—dispõe o art. 2º—o agente do Ministério Público remeterá certidão dele, por intermédio do procurador da República, ao conselho superior judiciário que, no prazo de oito dias, determinará qual a comarca onde tem de seguir o processo».

Portanto, os homens que estão na Guiné não foram deportados para serem julgados, como muita gente supõe. Foram para lá presos, julgados e condenados pela omni-

potente Segurança do Estado. Não só não foi o conselho superior judiciário, que à face de uma lei—boa ou má—mandou fazer o seu julgamento em comarca diversa do crime, como nunca podiam ser julgados nas colónias, porque isso seria privá-los da garantia constitucional do júri que é assegurada a todos os criminosos.

Não se cumpriu com a deportação desses homens a mais leve formalidade de processo. Uma polícia—a Segurança do Estado—cujas investigações nem têm força de corpo de delito, prendeu-os, julgou-os sumariamente e condenou-os à Guiné. Nem Constituição, nem leis penais, nem princípios democráticos. Tudo rascado, tudo postergado, tudo subvertido.

E sobre o ponto de vista moral os ódios pessoais, cegos e abomináveis, que, exercidos sobre verdadeiros inocentes, representam algumas dessas deportações, meu caro João Camões!

Agora, meu caro João Camões,

Que o nosso amigo Barbosa Viana que, nosso colega na Universidade e meu consíguo, se dispôs de nos acompanhar no combate à ditadura de Sidônio Pais, que não tem a nossa tradição republicana e possui um brilhante espírito político, faça jogos malabares para defender as deportações, compreende-se, vá o termo.

Mas que um homem como João Camões, com uma tão boa tradição republicana, com a sua opinião já ligada, direi melhor, comprometida neste caso das deportações, contiu a ser membro de um governo que mantém essas deportações, que conserva homens na prisão sem culpa formada e permite todas as violências da polícia—digam-lhe aquí com franqueza, com a lealdade e com a estima de um irmão—é que não só se não comprehende como farei profundamente a sensibilidade de todos os seus companheiros de lutas.

.....

elements de orientação. Berlim não os criou, mas Berlim ajudou-os. Berlim permitiu-vos opor vossos pontos de vista internacionais às casernas internacionais que vos propõem.

Eis, pois, um resultado que não deve deixar de ser considerado. E agora a vossa confirmação de adesão a Berlim dará ainda um valor moral ao nosso movimento e será saudado com entusiasmo pelos camaradas dos outros países que talvez ao designarem o camarada Silva Campos para uns dos presidentes de uma das sessões do Congresso de A. I. T., em Amsterdão, tivessem ido a impressão desta força moral que se encontrava neste país que no extremo da Europa é espécie de ponte entre os dois hemisférios.

A A. I. T. tem na sua bandeira a mesma fórmula que vós tendes na vossa: Pão e Liberdade. Porque a liberdade garante o pão e o pão não garante a liberdade. O pão, sem a liberdade, dás-se aos cães—e mesmo estes são bastante inteligentes para preferirem não estar acorrentados, mesmo que dêem deles coloquem muito pão.

Saiu-vos, pois, camaradas, contente de ter passado estes belos dias entre vós, a ponto de ter esquecido que sou estrangeiro e julgar algumas vezes que estava no meu país. Não sei se nos voltaremos a encontrar ainda. Mas é certo que rostos como os vossos, fracos e contentes, eu encontro todos os dias nas reuniões dos bons camaradas e encontrá-los hei, principalmente, no dia em que possamos recomeçar a nossa luta em Itália.

Militantes, como eu, sem cuidados aparentes, rudes e fracos, poderiam encontrar sempre entre os vossos militantes.

Viva a C. G. T. portuguesa! Vivam os nossos camaradas de martírio d'Itália e de Espanha! E desejemos que seus movimentos, a U. S. I. e C. N. T. possam ressurgir em breve! Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores!

Ao terminar foi muito aplaudido, entoando o congresso a *Internacional*. Eram 15 horas quando o Congresso Confederal encerrou os seus trabalhos no meio do maior entusiasmo.

Julgais que a existência da A. I. T., não vos ajuda no vosso trabalho de orientação deste ano?

Julgais que sem a existência da A. I. T., as dificuldades que encontrastes perante os adversários do sindicalismo revolucionário não seriam mais numerosas? Eu creio-o—e vou demonstrá-lo.

Os comunistas falam-nos agora de neutralidade perante a *Internacional*. Empenham-se em recomendar-vos essa espécie de política de caranguejo que não está verdadeiramente no espírito dos homens que de Moscovia desejariam dirigir o mundo inteiro; mas acreditai que isso é consequência da existência da A. I. T. E' a atitude dum homem que deseja conquistar uma linda mulher que é sequestrada por outro homem por ela favorecido. Esse cavalheiro, então, repeliu pela mulher que deseja, empêcha-se em recomendar ao outro neutralidade... no amor. Sim, sem a existência da A. I. T., não seria a neutralidade, mas a adesão a Moscovia o que eles recomendariam pela qual eles trabalham há três anos, com mais facilidade de sucessos e tanto mais que não tendo vós uma *Internacional* sindical revolucionária, não teríeis um ponto de referência para solidificar a vossa orientação.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

Ter-se-ia visto o triste período em que seríeis encurrado entre Moscovia e Amsterdão, e vossos destinos seriam entregues a um moscovita absoluto, relativo, sem contar que na confusão surgiriam mesmo os amsterdanistas. Não é impossível que alguns bons camaradas fossem tomados de indecisão, outros resistissem com energia, alguns sofreriam a influência dos missionários de Moscovia, de esses homens que não se limitam, como o delegado de Berlim que vos fala, a expor as suas ideias abertamente na tribuna, mas que trabalham na sombra, que compram os homens a preços altos, manobram os defeitos pessoais, e exploram as fraquezas dos homens. E então, presos camaradas, teríeis esta situação de suspeita recíproca, de desconfiança, de reuniões que acabam, sem nada concluir, a sôco e algumas vezes, como em França, a tiro de pistola—enfim, o começo do fim, do equilíbrio e da saúde moral do movimento.

A existência dum internacional sindicalista contribuiu fortemente para isso impedir.

## EM REDE

Depois do padre, do lavrador e do comerciante — a guarda republicana

REDE, 26.—As palavras de Manuel dos Santos Ivo, da União Ferroviária, no Congresso Confederal, sobre o abandono da região duriense pela organização operária, animam-nos a continuar com estas despretenciosas notas sobre o que por aqui se passa, crentes de que a *Batalha* conseguia agitar nas suas colunas, um dos mais importantes trabalhos a realizar no Norte pela organização operária. De facto, tudo o que se diga sobre esta região, seus costumes, seus «parasitas», indole do povo, opressão burguesa e organização social, contribuindo para fazer conhecer a região, virá certamente lembrar a necessidade de vivificá-las serras com a rajada de liberdade que, pelas campinas do Sul perpassa já, e de que, nestas abandonadas terras, se tem notícia... pelos jornais.

Falamos já do padre, do lavrador e do comerciante, parasitógeno ignobil a que só o poderoso «antiseptico» libertário oferecerá a necessária correção. Temos de dizer algo também sobre um dos elementos de maior opressão do povo — a guarda republicana. Ela é justamente temida por esses montes em fúria, porque os seus actos cheios de audácia e arrogância são de molde a atemorizar aqueles que vivendo uma vida sossegada, quanto o trabalho miserável lhe consente, não querem arriscar-se à perda da sua liberdade ou da sua vida proposta do mais fútil motivo.

Está ainda na memória de todos os trabalhadores daqui, o revoltante crime cometido por um desses perniciosos elementos há cerca de dois anos. Por tentar fugir a uma prisão injustificada e sob o pretexto de «resistência à autoridade» foi, aqui mesmo de onde escrevemos, morto um pobre rapaz em plena mocidade, estuante de vida; e a sua morte, crime imperdoável, que os chamados «códigos» punem sempre, passou da memória das autoridades que tiveram ainda palavras de louvor (!) para o assassino.

Dizem por aqui que o comandante desses mantenedores da ordem que assassinaram o pobre rapaz, o tenente Maarecos (ben conhecido já) elogiou o assassino, dizendo: «que tinha sido melhor que o rapaz morresse de que a farda do assassino fosse desrespeitada pelo desordeiro (?) morto!». Dianete desto horrível moral caserneiro que farão os desgraçados trabalhadores destas serras, tão habituados a sofrer com paciência todas as negregadas ordens de tanto explorador? Terão eles a coragem que, a consciência de si próprio dê, para repudiar tão odiosa opressão?

Quem lhe congregará as justificadas re-olitas por actos tão selvagens?

Só à Associação! Só o sindicato profissional, quais desconhecido por estes povos, saberá opôr a sua força de razão à fúria estupida da lei, essa megera asquerosa, sempre surrada para o rito, sempre, carranca para o pobre desprotegido!

No dia em que a Régua ou Vila Real começem a lançar as ondas ardentes de liberdade que as suas futuras Uniões de Sindicatos, conhecedoras então da «luta sindical», saibam fazer incidir, pelos seus militantes, sobre o cérebro petrificado dos pobres trabalhadores da agora, nesse dia, têda a opressão começará a diluir-se como que por encanto, porque o explorador daqui, excessivamente cobarde para só «bater um morto» não saberá mais do que fugir ante a revolta justa do seu eterno explorador!

Camillo TEIXEIRA

## Rendimentos dos operários

A enfermaria de São João Baptista do hospital de Arroios recolheu Francisco Chaves, de 42 anos, descarregador, natural de Chaves e morador na rua Manuel Arruda, 32, que foi colhido por uma pedra de carvão a bordo do vapor francês «Lutetia», fundeado no Tejo, ficando contuso pelo corpo e ferido na cabeça.

## AGREMIAÇÕES VARIAS

Junção humanitária «Amor e Cariño». — Reúne-se hoje a assemblea geral pelas 20 horas.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 15 desta revista intitulada «Redimida», de Fernando Claro. Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

30-9-1925  
a porta, se apresentou nos aposentos do rei, a quem disse:

— Senhor, tudo está preparado para a recepção de Joana. Só se esperam as ordens de Vossa Magestade.

— Vamos receber essa donzela! Aproveito muito a tua ideia de experimentarmos essa inspirada, a fim de saber se ela me reconhece entre os cortezãos, enquanto que Trans representará o papel de rei... A

Os cavaleiros e as damas da corte de Carlos VII, reunidos numa galeria do castelo de Chinon, e animados por sentimentos diversos, esperam a chegada de Joana a Donzela; desses, alguns julgavam-na divinamente inspirada; enquanto que outros não viam nela mais do que uma visionária desacarada, forte com a sua audácia, e com a credulidade dos tolos. Porém, todos, qualquer que fosse o seu julgamento acerca da missão que se atribuía a camponesa de Domrémy, desprezavam-na uma filha da plebe rústica, e os próprios que não duvidaram da realidade das suas revelações sobrenaturais, preguntavam porque aberração o Senhor Deus havia escolhido a sua eleita em tão baixa condição.

Na extremidade da galeria, o senhor de Trans, ricamente vestido, está sentado num espécie de trono por baixo de um grande dintel, fingindo que é o rei, enquanto Carlos VII, colocado a distância, entre os seus familiares, se está rindo da prova a que vão submeter a sagacidade de Joana.

Esta entra acompanhada por um camarista; traz o chapéu na mão, e traja vestidos de homem, túnica curta, calções, e botinhas com esporas.

Joana, cada vez mais persuadida da próxima realização dos grandes designios, que há muito tempo fermentavam em seu espírito, vendo-se enfim, ela, pobre pastora, que vinha do fundo da Lorena, admitida à presença do seu rei, julgava conhecer a cada passo que dava, o potente concurso do céu!

Intimidada primeiramente por aspecto dos cortezãos, toma

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

## Festas artísticas

Volta hoje a ser noite de festa entusiástica no Apolo: ali tem a récita que lhe é dedicada o actor Rafael Marques, cujas qualidades de trabalhador incansável têm sido largamente evidenciadas.

Hoje os bilhetes também não devem chegar para os pretendentes.

Vai à cena «A Galéria», em que se salientam Ilda Stichini na protagonista, e o festejado, ambos em papéis de destaque.

Amanhã terá o Maria Vitoria mais duas encheretes: esse público será ali atraído pela festa de Laura Costa, a actriz a quem os dois espectáculos são dedicados pela empreza.

## Notícias

O teatro do Gimnásio, que um violento incêndio destruiu deixando-lhe apenas as paredes, que por fim, foram completamente demolidas, vai aparecer-nos abrindo as suas portas ao público, muito brevemente num edifício moderno, com todos os confortos e beleza artística.

Reabre amanhã ao público o cinema Chiado Terrasse, depois de ter sido beneficiado com algumas obras.

O programa escolhido para inaugurar a época de inverno é deveras atraente, não só na escolha dos filmes como também na parte musical, que está a cargo do distinto violinista Raul de Campos. É de esperar portanto que a freqüência seja grande.

## Réclames

Já se encontra em Lisboa, vindas da Alemanha, a celebre troupe de artistas «Neiss», que debutterá no sábado, com a estreia da Companhia de Circo, no Coliseu dos Reis, com que é inaugurada a época de inverno, naquela confortável e magnesota sala de espectáculos. A troupe Neiss é composta de quatro artistas extraordinários que vão causar em Lisboa a maior sensação, como têm causado, em todas as partes do mundo por onde tem passado. Estes artistas atravessaram a sala do Coliseu, na sua grande altura, fazendo trabalhos do maior arrojo e novidade.

É, no 3.º acto, da comédia «Leão da Estrela» que os mais ilustres artistas da cena portuguesa prestarão a Chaby a merecida homenagem que preparam ao impagável interprete do «Anastacio da Silva».

É definitivamente, no próximo sábado a inauguração da época de inverno no Apolo e a estreia ao mesmo tempo da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha os dois esposos artistas que reaparecem ao público de Lisboa novamente com a sua empresa organizada, a sua Companhia e respetivo elenco artístico.

No dia em que a Régua ou Vila Real começem a lançar as ondas ardentes de liberdade que as suas futuras Uniões de Sindicatos, conhecedoras então da «luta sindical», saibam fazer incidir, pelos seus militantes, sobre o cérebro petrificado dos pobres trabalhadores da agora, nesse dia, têda a opressão começará a diluir-se como que por encanto, porque o explorador daqui, excessivamente cobarde para só «bater um morto» não saberá mais do que fugir ante a revolta justa do seu eterno explorador!

Camillo TEIXEIRA

## DESPORTOS

## Movimento operário desportivo

Uma selecção alemã das organizações operárias desportivas deslocou-se à Bélgica, onde teve dois jogos de futebol com selecções de Bruxelas e Antuérpia. No primeiro jogo triunfaram os alemães por 3-1; no segundo voltou-lhes de novo a sorrir a vitória, por 8-0. A sua superioridade foi manifesta. Durante o jogo, alguns patriotas tentaram desfralar uma bandeira nacional, no intuito de provocar uma manifestação de desagrado aos alemães. A assistência porém, repudiou tal gesto. Os operários desportistas alemães visitaram a Casa do Povo, onde lhes foi feita uma carinhosa recepção.

## FUTEBOL

Vêm agora a Lisboa dois grupos de futebol belgas, que jogarão em Palhavã no próximo domingo e segunda feira. A técnica expediada e a boa preparação das desportistas belgas vai ser devidamente admirada.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a) Acácio Eduardo dos Santos.

Convoco a assemblea geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 a 1925.

1.ª Convocação no dia 30 de Setembro, às 21 horas.

2.ª Convocação no dia 8 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa 30 de Setembro de 1925. O Presidente, (a)

# A BATALHA

o proletariado deve preparar-se, e quanto antes, para resistir ao pronunciamento militar que muito em breve os militaristas levarão à prática.

## Os Sindicatos Marítimos aderentes à C. G. T. realizam uma conferência em Santarém

(Do nosso enviado especial)

SANTARÉM, 27.—Pouco depois do Congresso Confederal ter encerrado os seus trabalhos, isto é, às 17 horas, a Conferência Nacional dos Trabalhadores Marítimos inaugurou os seus trabalhos, na sala do Grémio Recreativo Operário. Estavam representados 19 organismos do norte e sul do país.

A sessão preparatória, presidiu Joaquim do Carmo, da comissão de relações de sindicatos marítimos e fluviais discordantes da atitude da F. Marítima.

O presidente depois de declarar aberta a conferência pronunciou um incisivo discurso de ataque à obra divisionista dos elementos políticos que atreviam pôr em causa a F. Marítima. Referindo-se ao objectivo da conferência, diz que os marítimos ali reunidos vão estudar qual será a sua posição em face da irreversibilidade da F. M.

Não quer historiar as causas do conflito porque elas são bem conhecidas pelos elementos que tomam acento neste congresso. E essas causas tão lamentáveis quanto é certo elas virem provocar um desagregamento das forças marítimas, que só a burguesia aproveita.

Somos acusados — diz J. do Carmo — de scissionistas pelos pontífices da F. Marítima. Scissionistas são todos aqueles que se desviam da organização central para darem curso aos seus objectivos políticos. Como nós ainda nos encontramos na C. G. T., com boa verdade só devem considerar-se estes organismos; há mais nove que dificuldades financeiras não deixaram vir a Santarém.

Aos que afirmam que se deve ir para dentro da F. M. modificar a sua estrutura responderá que isso não é possível. Primeiro, porque as delegacias indiretas são preenchidas por delegados da mesma classe. Isto é: um sindicato de fragateiros da província tem que ser representado por um fragateiro. Sucedendo que são precisamente, dum modo geral, esses elementos que estão com a F. M., como podem entrar ali os discordantes? E mesmo que isso se conseguisse, os actuais dirigentes haviam de obstruir a nossa entrada. O que havia a fazer? Apenas o que se está realizando — a Conferência.

Depois passa-a a discutir o relatório da Comissão Organizadora, na especialidade.

Inácio Teixeira Bastos manda para a mesma a seguinte declaração:

“Declaro que em virtude do sindicato que eu aqui represento, não ter apreciado a moção que vai ser presente à Conferência Marítima, não posso votar definitivamente qualquer assunto que com a mesma contenha, como seja a criação do União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.”

José Francisco, A. dos Trabalhadores do Trafego do Porto de Lisboa, diz que o seu sindicato só votará a constituição dum organismo federativo se a F. M. não arripiar caminho. Mesmo assim esse organismo terá um carácter transitório, e desaparecerá logo que desapareçam as causas. Apresenta depois uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Enviar a todos os sindicatos marítimos e fluviais, aderentes ou não à Federação Marítima, um «referendum» no qual se explique claramente as razões que nos levaram a actuar desta forma, e a tomar esta atitude, aos quais será também enviado um delegado, exigindo como condição principal para a nossa entrada na Federação Marítima, a demissão dos indivíduos que representam, e a reconstituição da classe de disciplina e de classe consciente.

2.º — ManIFESTAR pura e simplesmente o nosso desejo franco, leal e sincero de que a unidade operária, tanto na indústria marítima como no organismo central não continue a sofrer como até aqui, mas declarando que para atingir esse objectivo, é necessário não só propagá-la para ganhar a confiança dos trabalhadores, mas praticá-la para defender os seus interesses, com sinceridade, e contribuir com todo o que esteja ao nosso alcance para que se volte, não à anterior situação, mas sim àquela que mais se coaduna com os interesses dos trabalhadores;

3.º — Que, se se chegar a um acordo possível entre todos os sindicatos marítimos e fluviais, se dissolva imediatamente o organismo federativo que fôr criado nesta conferência para que todas estas classes unidas dentro da Federação, com princípios claros e definidos, marquem o lugar que lhes compete nos quadros da organização social sindicalista;

4.º — Que os delegados assistentes a esta conferência continuem em toda a parte, e por todos os meios ao seu alcance, influindo para que sejam postos em prática os resultados obtidos em seguida a sessão, eram 20 horas.

5.º — Saúdar a C. G. T. por ter conseguido sair triunfante da crise e confusão de ideias que se tem atravessado, sem que se tenha desviado da orientação que lhe foi demarcada nos congressos em que mais fortemente se manifesta a opinião das massas produtoras.”

Admitida, João Gonçalves, Sindicato dos Estivadores, de Portimão, diz que o seu sindicato só em casos excepcionais aceitará uma nova federação. Está de acordo com a moção de J. Francisco por ela sintetizar os desejos do seu sindicato.

A Federação Marítima enfudada a um partido

Silvino Noronha assevera que os marítimos estão em conflito com um partido político e não com a classe operária. É um partido que pretende ascender ao poder com o sacrifício dos próprios marítimos.

Refere-se depois aos telegramas dos organismos marítimos enviados ao congresso confederal. Como as entidades signatárias desses documentos não aceitaram o convite que os marítimos lhes dirigiram hoje em A Batalha, não lhes restará autoridade para prosseguirem nas suas refutações.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Trânsito do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M.

Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmara de Lisboa, considera impossível reentrardos organismos discordantes no seio da F. M., que conviria por certo aos seus dirigentes que não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa. Tal como está a Federativa é de 4 classes que obstruem tôdas as outras.

Joaquim do Carmo concorda com Cadete na impossibilidade de voltar-se à F. M. enquanto persistirem os actuais dirigentes.

Vai fazer revelações graves; e para que lhe possa ser assacada tôda a responsabilidade chama a atenção da imprensa.

Acusa, diz, os dirigentes da Federativa Marítima de esbanjarem os dinheiros que arrancaram, por via das cotisações aos trabalhadores marítimos. Explõe vários factos comprovativos de que esse dinheiro tem servido para passeios de gôsos. No Congresso Marítimo de Matosinhos foram apresentados dois homens de Lisboa bem da-

mais que já conheciam a situação dos marítimos, mas que não alcançavam as suas causas. Condena a ofensiva comunista e considera bem

produz em seguida uma série de considerações sobre a obra dos socialistas e comunistas em França e Espanha que se assemelham à dos seus correligionários de Portugal.

Termina aconselhando os conferencistas a despresarem as táticas de Moscova e a integrarem-se nos objectivos da A. I. T., única que defende as aspirações do proletariado.

Fala Armando Borghi, pela A. I. T.

Falou depois Armando Borghi dizendo que já conhecia a situação dos marítimos, mas que não alcançava as suas causas. Condena a ofensiva comunista e considera bem

também que entre outras resoluções tomam parte nesta conferência.

Pouco importa essa decisão. Quanto ao meu sindicato ela em nada o magoa. Em qualquer das hipóteses ele não ficará na F. M., porque não pode ali ficar dignamente.

Respondendo aos que supõem possível

uma entente com a F. M., assegura que nada se conseguirá nem que em maioria ali ingressasse, porque, além do que já foi apontado, existem ceteros, compostas por indivíduos inconscientes que embriagados não se recusarão a matar o próprio país. Só uma modificação radical e um saneamento profundo conseguirá o desiderado.

Quanto à scisão, diz, já do Carmo a definiu. Nós apenas nos defendemos dos ataques da federação e procuramos manter integra a pureza do sindicalismo. Entende mais que moção de J. Francisco nada resolvendo, pois a solução só se encontraria na aceitação dos pontos de vista dessa conferência.

João Luís da Silva Maura envia para a mesa a proposta seguinte que é admitida:

“Proponho para que se destá conferência tiver de sair algum organismo federativo ele seja só constituído por sindicatos e que os seus componentes sejam possuidores do respectivo documento marítimo.”

Joaquim do Carmo diz que só a má fé dos dirigentes os levou a dirigirem ao Comité Confederal telegramas desmentidos, recusando-se agora cobardemente a assistir a esta conferência para desmentirem os oradores.

Apresenta depois esta moção de ordem: «As classes marítimas reunidas em conferência na cidade de Santarém, constatando que louve indivíduos que envergam para o Congresso Confederal telegramas protestando contra as mesmas classes e empregando os seus representantes a provar no prazo de 3 dias as acusações pelos mesmos feitas; considerando que em resposta, os marítimos presentes no Congresso Confederal enviariam para a Batalha uma sintética declaração em que convidavam os mesmos indivíduos a comparecer nesta conferência onde provariam as mesmas acusações e até as completariam; considerando que esses indivíduos e ainda os que no Congresso Confederal se pronunciaram no sentido de serem esclarecidos, não compareceram o que prova a má fé e as intenções provocadamente reservadas dos mesmos; considerando que não podem as classes marítimas continuar a gastar o seu tempo na apreciação dos criminosos actos dos indivíduos que dirigem a Federação Marítima visto que este lhe é preciso para assuntos de provado interesse para os trabalhadores que representam, —resolvem: repudiar indignadamente os seus actos e processos, considerar verdadeiras as considerações produzidas no Congresso Confederal, conforme o extrato da Batalha, proclamar o assunto inteiramente resolvido seguir na ordem dos trabalhos.”

Foi admitida. Alguns delegados manifestaram-se contrários à moção por ela coartar a discussão.

Depois Joaquim do Carmo require que seja apreciado o relatório da comissão de relações dos sindicatos marítimos e fluviais da F. M.

Francisco Dias, dos Descarregadores, da Vila do Carregado, diz que a sua classe de há muito estava em desacordo com os dirigentes da F. M., os quais bem sabiam de ser a sua classe de direitos para os seus objectivos.

Quando da organização da sua classe a Federação mandou-lhe um homem de nome António Henriquez, que não é marítimo, a fim de os orientar. Esse indivíduo quase nada fez, mas exigiu uma gratificação; de ram-lhe 150 escudos, além de lhe pagarem tôdas as despesas e lhe oferecerem tôdas as benesses.

Pois esse elemento teve a desvergonha de dizer que era pouco.

E aquele dinheiro dos trabalhadores — diz — não lhe queimou as mãos.

Depois acrescenta: «Em Aveiro, quando do Congresso, procuraram subornar-me para que votasse pela I. S. V. Fui a uma reunião para que me convindassem, supondo que se iria tratar dos interesses dos trabalhadores marítimos. Ali só me apresentaram a questão da adesão à I. S. V. A esse tempo era um comunista; mas, ao ver tão baixos processos da parte desses elementos políticos, insurgei-me e votei conscientemente contra os suas pretensões, certo que praticava uma boa ação. E assim dei-me de simpaticar com os comunistas. Na F. M., só se queria dinheiro; pois, quando se tratou da adesão dos Descarregadores da Azambuja, só porque essa classe informou que não podia imediatamente pagar a cota de adesão, se lhe responder que quem não tinha dinheiro não aderia.

Joaquim do Carmo apresenta a seguinte moção de ordem:

“A Conferência Marítima afirmando que é inteiramente impossível aos sindicatos marítimos e fluviais continuarem aderentes à Federação Marítima e até mesmo ter com os seus dirigentes qualquer espécie de entendimento, tal a sua incorreção e intenções reservadas, resolve considerar discutido o primeiro número do relatório da Comissão Organizadora e segue na ordem dos trabalhos.”

Posto imediatamente à votação, é aprovado por unanimidade.

Passa a discutir-se o 2.º número.

A conferência prevê a hipótese da formação dum novo organismo federativo

Silvino Noronha apresenta a seguinte moção de ordem:

“A conferência dos Sindicatos Marítimos e Fluviais — discordante da F. M. — reuniu em Santarém para apreciar o conflito suscitado com este organismo, reconhece e aceita para solução do conflito a necessidade da Federação Marítima ser composta exclusivamente por trabalhadores marítimos e fluviais, agregados simplesmente por sindicatos profissionais ou de indústria, tomando por base do organismo federativo a indústria de transportes marítimos e fluviais, e por base sindical a profissões ou indústria; reconhece que para melhor funcionamento profissional e industrial, os sindicatos de indústria devem funcionar por secções profissionais e os sindicatos de profissão por secções de ramo; reconhece que a Federação deve funcional por secções distinhas — de transportes marítimos, transportes fluviais, (trânsito de portos e rios) e secção de pescarias; reconhece ainda que a orientação da Federação Marítima deve ser modificada de harmonia com o estatuto pelo «Organização Social Sindicalista» e reatar as suas relações com a Organização Central dos trabalhadores portugueses.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmara de Lisboa, considera impossível reentrardos organismos discordantes no seio da F. M., que conviria por certo aos seus dirigentes que não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Trânsito do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M.

Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmara de Lisboa, considera impossível reentrardos organismos discordantes no seio da F. M., que conviria por certo aos seus dirigentes que não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Trânsito do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M.

Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmara de Lisboa, considera impossível reentrardos organismos discordantes no seio da F. M., que conviria por certo aos seus dirigentes que não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Trânsito do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M.

Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmara de Lisboa, considera impossível reentrardos organismos discordantes no seio da F. M., que conviria por certo aos seus dirigentes que não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Trânsito do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M.

Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.

Sobre a 1.ª conclusão, José dos Santos Cadete, do Pessoal de Câmara de Lisboa, considera impossível reentrardos organismos discordantes no seio da F. M., que conviria por certo aos seus dirigentes que não desejam que alguém possa exigir-lhes contas da administração federativa.

O presidente comunica que continua em discussão o Relatório da Comissão Organizadora da Conferência.

José Francisco, do Pessoal do Trânsito do Porto de Lisboa, diz que as afirmações contidas no preâmbulo do relatório são a expressão fiel dos factos ocorridos na F. M.

Poderá alguém dizer que são apenas provas morais; porém, as provas documentadas existem na própria escrita da F. M.

Sem mais discussão, o preâmbulo é aprovado.

Agora discute-se as conclusões na especialidade.</